

REFLEXÃO

A PACIÊNCIA E O TEMPO

LUIZ CARLOS CORRÊA CARVALHO
Presidente da Associação Brasileira do Agronegócio (ABAG)

A agricultura é a arte da paciência.
Mario Sergio Cortella

OS QUE vivem ligados à terra em pleno século XXI, convivendo com as janelas que o tempo impõe e as intempéries que o clima gera, ressentem-se da falta de respeito do humano da urbe que vive a onda nostálgica dos últimos séculos. Como humanos (palavra esta que vem de *humus*, "terra fértil"), esses habitantes que, de alguma forma, se distanciaram do mundo rural não mais o respeitam ou sabem, de fato, avaliá-lo. Entre o herói do discurso político que carrega a balança comercial brasileira e o vilão que habita a mente dos preconceituosos, há uma distância ponderável. Nos momentos de inflação de alimentos, o vilão é criticado, enquanto, no momento de conferir os resultados do crescimento de oferta e de menores preços, o herói é exaltado.

Entre 2020 e 2023, a pandemia trouxe um aprendizado que ajuda a entender a lógica da vida. A vida não seria vida sem os alimentos, e a convivência entre humanos segue a dinâmica das refeições. As refeições eliminam a fome, permitem energia e dignidade e reforçam o contexto humano. Foram três anos difíceis, e o agro não parou um momento sequer. Os isolamentos ficaram nas cidades e nos portos, mas a vida e a comida seguiram a prover resiliência e paciência, na espera do tempo e das soluções para a volta do que nos valoriza como humanos.

O mundo vive a lógica das constantes mudanças, e, muitas vezes, o velho volta como o novo aos que não o conheceram antes. A Europa impõe cotas e restrições em nome da sustentabilidade e do novo verde e os Estados Unidos, subsídios e créditos em favor do verde, sob o foco da tecnologia.

No Brasil, por que o produtor do verde é chamado agressivamente por políticos de fascista e negacionista? Por que se venera o vermelho dos invasores de terra, um exército do século XIX, com ideias do século XVIII e que corrompe a Constituição brasileira, acintosamente, sob o olhar frio e distante do Judiciário, o defensor final da coisa constitucional?

Um país que saiu dividido das eleições à presidência da República em novembro de 2022 deve ter, por quem venceu, o cuidado da união dos cacos que são percebidos com a cola do bom senso e do respeito. Quem sabe esses dois termos revelem o nível de educação fundamental para alicerçar um processo de união nacional.

Vive-se, atualmente, momentos perturbadores que requerem paciência e que precisam ser acalmados com a sabedoria do tempo. Apenas os que dialogam podem construir pontes e vínculos (segundo as palavras do papa Francisco), semeando as bases dos caminhos que unam os extremos. É preciso cultivar as plantas para que se colham as flores; é preciso que haja harmonia e paz para ser livre; é preciso unir o Brasil.

As mãos calejadas que plantam, cuidam e colhem, respeitando a terra, a mata e os seres que estão envolvidos nesse ambiente, também rezam pelas chuvas e se defendem das pragas e das doenças que atacam suas plantas, com a paciência dos justos que se acertam com o tempo. Essas mãos buscam o interesse do País, constroem o futuro e precisam de pontes e logísticas que as assistam, sob o manto do apoio seguro do Estado brasileiro. Somente assim, o Brasil encaixar-se-á nos trilhos do desenvolvimento de forma sustentada.

Nesse mundo que volta a se fragmentar, complexo e com pressões externas e desequilíbrios internos que somente alargam as distâncias, a harmonia é um bem gerado por diálogo, respeito e bom senso. O tempo curará muita coisa, mas a paciência e a esperança de quem faz lavoura ou cria e engorda animais devem ser valorizadas no Brasil. ■

"É preciso cultivar as plantas para que se colham as flores; é preciso que haja harmonia e paz para ser livre; é preciso unir o Brasil."